

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--13 de Janeiro-1927

SOHNIS  
5 TOSTÕES



sempre  
**fixe**  
semanal de  
humorístico

36

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

# Fausto de Figueiredo ou o Estoril em pleno fausto



Extinta a «danção» que o Cabo Submarino lhe provocou, Fausto patenteia, num país de braços cruzados, toda a sua asombrosa actividade e o prodigio da sua iniciativa. Lisboa, agradecida, sente-se Margarida e entrega-se-lhe de alma e coração.





## Os ditos da semana



A cidade de Setúbal foi elevada a capital de distrito. Felicitamos as sardinhas e a Avenida Luisa Todi. E como estamos com a mão na massa, isto é, sobre o papel, cumprimentamos também efusivamente Portimão, que foi promovida a cidade. É o seu galão de major na vida administrativa. Mas Setúbal foi mais longe, no posto. Passou a general. O peor é que Almada não aceitou a nomeação. Pediu mudança de regimento, dizendo: «Ou me mandam para a guarnição de Lisboa ou deixo de existir como vila. Sem mim não mais o país terá burros. A política — morre. O problema da natalidade — surgirá depois, assustador e grave. Ouvi-me! Ouvi-me, senão lavrarei o meu inflamado e zurrante protesto, reunindo as azémolas da vila, numa formidável e temerosa coorte. Cautela com o coice! Não queremos as cangalhas de Setúbal; quando muito a arreata de Lisboa... Temos lá muitos irmãos...



O sr. Carlos Pereira, director da invisível Companhia das Aguas, é um homem modesto. Fala quando ha agua e quando não ha. Por si e pelos accionistas. Por Lisboa e pelo Alviela. Os seus discursos são formidáveis caudais de eloquencia, que embora não arrazem os adversarios, vão alimentando as illusões dos consumidores. É o unico que fala no deserto, neste seco deserto de Lisboa, onde ele vestiu a pele do Diabo, para melhor se fazer passar por santo. O sr. Carlos Pereira tem argumentos para tudo, justifica tudo, explica tudo — o que não nos dá é agua. Ora argumentos sem agua é o mesmo que moleiro sem farinha ou espeto de pau em casa de ferreiro. Pois bem: o sr. Carlos Pereira, sabado passado, foi à Associação Comercial traçar a sua biografia... Foi aplaudido como merecia, em todos os elogios pessoais que enunciou. Caluniou-se, injuriou-se, arrepelou-se... e bebeu agua.

Mas que agua?

A do Alviela? Teria fechado os olhos e, corajosamente, ingerido o pestifero e mortifero liquido? Não, que a morte seria instantanea, ficando assim a assembleia livre de ser viti-ma da sua insistencia discursativa — pouco aquosa. Pediu uma garrafa de Vidago; des-

pejou-a num copo; refrigerou a garganta de oiro; ageitou os olhos de tartaruga, lindissimos e simbolicos — porque a Companhia é uma tartaruga que se encolhe na concha, quando a C. M. de L. lhe dá com a vassoura — e depois falou.

Falou como S. Crisostomo — o lingua de oiro. Incendiou Lisboa por falta de agua; cavalgou uma das bestas do Apocalipse, e semeou a peste; fez de *Maneken-Piss* e verteu aguas de oratoria sobre a douta assembleia. Quando acabou suava, como qualquer contador Pinto Bastos. Tressandava talento! Camarinha-va genio! Tinham sido os dez canticos dos Lusíadas num oceano atlantico de divagações estereis, secantes, esbraseantes como o deserto de Obi.

Eis como o sr. Pereira conseguiu inundar um auditorio, defendendo uma Companhia que não existe, senão no seu ordenado — a Companhia das Aguas.



Quem ler certo jornal catolico, de domingo, encontra um anuncio, deveras curioso,

## A adjudicação das linhas do Sul

SEMPRE FIXE opta pela proposta do sr. Alfredo C. U. F. da Silva. Os comboios deslizarão sobre «rails» untados com azeite de Alferrarede; para «vias obstruidas» reserva S. Ex.ª a «purgueira»; os parasitas das carruagens morrerão com uma boa dose de «Nivéina», e o material será todo lavado com sabão «Offenbach», ao som da Gran-Duquesa.

Ficando o sr. Alfredo «Cuf» da Silva, «cif» Manzanares, com o Sul e Sueste, além de aproveitar a linha de Valencia de Alcantara-Terra, para qualquer susto patriótico — os «wagons» daquela linha serão apenas empregados, com excesso de preço e retrocesso de produção, no transporte dos azeites e adubos de S. Ex.ª, que costuma frigir os negocios em molho de escabeche.

Que mais quere o governo?

onde um sacristão, «pessoa habilitada e culta, se oferece para qualquer paróquia do pais.»

Ora aqui está um sacristão pouco paciente e serafico. Não se conforma com o seu destino. Vê-se que tem mais fé na publicidade, do que na doutrina cristã. A resignação e a esperança, já não são virtudes acessiveis a um misero catolico, por demais sacristão.

Encham depressa as «galhetas» ao homem, antes que transforme a devoção em profissão, já que reduziu Deus a seis linhas dum anuncio...

Tambem Deus escreve direito por linhas tortas... Na epoca... de hoje, não é para admirar...



Anunciam os jornais um novo «conto do vigario». Vê-se que em Lisboa abundam os romancistas, mesmo fóra da Academia. De vez em quando recebem o premio Nobel duma deportação para a Africa. Acabado o passeio voltam com mais amor às letras e às tretas. Consagrados pela policia cada semana, com elogios à pericia que desenvolvem, e



Acaba de sair um livro intitulado — *As martires do cabelo comprido*. Dizem-nos que o seu autor é um cabeleireiro. Não sabemos se ele *aparou* o estilo; *lavou* a gramatica e *penteou* os adjectivos. É possível que tendo ido até ao *couro cabeludo* da psicologia, *frizasse* depois, filosoficamente, as *mechas* da analise.

Mas se ha *martires* ha martirio. Resta saber se o martirio é da tesoura do cabeleireiro ou da pena do escritor.

Talvez se confundam!

Ora *schampoing* para tanta caspa!



Os guardas nocturnos vão ter andaina nova. É um melhoramento importante e deveras visível nas sombras da noite... Dizem que de noite todos os gatos são pardos, menos os *serenos* que são surdos, quando batemos as palmas. Estamos convencidos que a nova larda vai ser um desastre poetico... Conquistas na escuridão... Paradas longinhas, mais longinhas ainda do que os seus longinquos giros...

Mas para que servirá a andaina, luzente de botões? Como se não pode ver de noite, certamente, que os guardas nocturnos passarão a fazer serviço de dia, para se mostrarem, acabando-se, portanto, a sua utilidade. É o que se infere da elegante e paradoxal noticia...





**HUMORISMO EM PORTUGAL**



—Para qué estás tu a guarda essa neve?  
—Para fazer carapinhadas no verão!



Prémiação. "A Garçonne."  
—Isto é um roubo! Uma imoralidade! A peça não é nada do que vem no livro!...



—E para que será aquela seta?  
—Se calhar é para a gente saber que cá em baixo são os pés e em cima é a cabeça...



—Então você foi vender as acções que tinha a um grupo estrangeiro?  
—Que quer? As acções ficam com quem as compra...

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O UNICO SEMPRE EM FESTA

**Bom humor de Dartey**

**Um encanto de homem...**

Era no baile do ainda novo rico, com muito milho apanhado no tráfico de vários géneros, e outras coisas e felicidades apropriadas. A encantadora Aldegundasinha, selvática, deixara lá arrastar o corpo, resguardado pelos autores dos seus dias, elevado homem e sua nutrida mulher. Não era para que digamos uma pequena conveniente, esta Aldegundasinha! Dezoito primaveras, loira e rosada, ela tinha, ao contrário do que seria para supor, um caracter. Mas que caracter! Um verdadeiro ouriço-cacheiro, insuportável. Frenética, fugaz como uma medrosa eguassinha, afugentava, e correr, as excelentes intenções que o seu fisico encantador não deixava de provocar. Se eram numerosos os que, atraídos pelo bom palminho de cara dela se abeiravam, a sete pés fugiam logo, postos em inevitável debandada pelas desagradáveis parti-das que ela nunca deixava de lhes fazer.

va para junto deles, seguida do seu cavalheiro. Sorridente e jovial, fazia os gastos da conversa e seus pais, deslumbrados com tal transformação, derretiam-se em amabilidades para com o encanto de homem que isso havia provocado. E quando ele os felicitava pelo caracter mimoso da sua progenitura, o sr. Pacómio não pou-de deixar de protestar:

—Por quem sois! Ora essa! Ao cavalheiro se deve tanta honra. Ela não é de seu hábito nada conversadora. E' antes, pelo contrário...

—Fria, frigidissima, apressou-se a mamã e a acabar, não querendo desiludir o admirador da sua filha, mas só com os novos conhecimentos... Sim, ela não mostra facilmente a sua simpatia... Mas v. ex.ª onfeitiçou-a, positivamente, e traz-nos esta querida bichinha ensinada!!!

O encorpado cavalheiro, bambo-leando-se com satisfação, dum pé para o outro:



O baile do Pacómio

Os seus autores — o sr. Pacómio Filho do Nascimento e sua ex.ª esposa D. Radagunda, — desolavam-se com estas coisas. Adorando a filha, a quem amimalhavam, só desejavam vê-la bem rodeada, casada... feliz. E não havia meio a que não recorressem para isso. Levavam-na a toda a parte, esperando lá encontrar aquele que a prendesse e a conquistasse.

Assim, qual não foi o seu espanto, a sua alegria, verificando que nessa noite, ela aceitara dançar muitas, todas as vezes, com um desconhecido e humanisava-se a ponto de com ele conversar em amável colóquio e até... sorrir-lhe!

A sr.ª D. Radagunda exultava: —Vês, não estás vendo, Pacómio, sempre t'ò disse: tem um caracter de anjo, a nossa filha! O que á preciso é sabê-la levar. Não vês como ela é amável com aquele cavalheiro que ainda há pouco não conhecia.

—E' realmente extraordinário, murmurou Pacómio, pois, afinal, o que é que a pode prender naquele corpanzudo. O bigode de caixa de passas, a peitaca de homem de bar-raca de feira?...

Entretanto, Aldegundasinha volta-

—Ora essa... sabem sim... porque ao que me diz respeito, eu...

—Sim, não lhe deve custar, deve-lhe succeder... tão simpático! diz a mamã, com requebros, delambendo-se. E, depois, que quer, ás meninas d'agora é preciso saber-lhes falar, tocar-lhes na fibra intima... ser um pouco poeta, em suma!

O cavalheiro protesta, modesto: —Por quem é... e depois é o trato, como pode calcular... Negócios da nossa arte, a vida, o modo... a profissão, tudo...

—Não é crível... é lá possível, diz o pai, interessado, o officio...

Intrigado, troca olhares com sua mulher, que se mostra tão intrigada como ele. E o sr. Pacómio arrisca-se a perguntar, timidamente:

—Então... o officio?... Mas poderei saber, sem indiscreção, qual é ele...

Desta feita, o alentado cavalheiro, retorcendo a bigodeira, arqueando o peito, dum ar satisfeito e com o mais amavel sorriso:

—Sou picador, da antiga Casa Real!!! diz ele.

JOSE PARREIRA

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



—Que porcaria! Um pedaço de madeira nesta carne!  
—Não admira. Como é carne de cavalo, provavelmente é um bocado da carroça...



—O menino tem quatro metros de fazenda a 80 escudos e dois metros de entreteia a 7 escudos. Que lhe dá isto tudo?  
—Isso dá um fato e peras, sr. professor.



—Parece impossivel! Um homem novo a pedir esmola!  
—Exactamente por não a pedir é que acabo de sair da prisão.



—Enganas-me com outra, Alfredo!  
—O' filha...  
—Não neques. Cheiras a tabaco que trezandas!

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O MAIS ELEGANTE



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

A *première* sensacional da semana passada foi, sem duvida, a *Garçonne*. Assistencia: pessoal de ambos os sexos, e até de todos os sexos. Poucos espectadores neutrais. Muito á vontade nas pateadas. Calor de alambique nas ovações. Nos corredores discutiu-se tanto como na sala, e na sala tanto como no palco:—era da peça. Houve cidadão apalpado violentamente—por reflexo das scenas dramaticas. Os estupefacientes, do segundo acto, é que estragaram tudo. Lucilia recusou-se a tomar *cóca*, mas Erico ficou cheio de *cóca*, porque teve a casa cheia. Maria Sampaio fez de intoxicada e de russa espanholada. Salada internacional, que agradou em cheio. O peor é que tendo de fazer a embriaguez do ópio, representou a da cocaina. Por um pouco, que não fazia a do vinho do Porto—chalado, por ser mais barato. Erico é que não esteve com meias medidas. Aplicou-se todo ao homem. Salvou-se á portugueza. Ainda bem! Samwel, com cara de entêrro, e vestido de gato pingado. Amélia Pereira, uma senhora da alta, muito por baixo. Almada com uma caracterização comprometida. *Várias senhoras* a representar: uma com o vestido ao contrário, as outras, nem mesmo isso.

O telefone, no palco, funcionou bem toda a noite. As portas—tambem. Só o publico é que funcionou mal...

*Garçonifiquemos* algumas anedotas da *première*. São autenticas.

Quando Monica Lesbier—é gralha propositada, mas passa—confessava á mãe o temeroso delicto de se ter entregue a um desconhecido, já depois de realizada, ainda que extemporaneamente, a primeira prestação nupcial com o futuro marido—um espectador, não se conteve que gritasse: —Não é caso para tanto!

Não era, não, porque se armou tamanho borborinho, que caíu o *Carmo* e a *Trindade* ás palmas e á pateada.

Um policia prende um espectador, por suspeita de fazer barulho. Um *claqueur* profissional intervém: —Deixe lá o homem! Este é dos nossos!

—Quero lá saber se é dos nossos ou dos vossos. O que ele é preso!

Espectadores:  
—Salva-se a tradução!  
—Sim, é magnifica.  
—O Matos Sequeira o o Pereira Coelho limaram muitas arcstas.  
—Limaram...



### Palmira Bastos e Clemente Pinto

(Oh! les deux beaux nez!)

A *Garçonne*, no Trindade, teve, p'lo escandalo, fama, *Mulher's homens*—novidade que vai no Politeama.

Mas uma peça, a meu ver, porá vermo ás suspeitas que, em S. Carlos, vamos ter *Uma mulher*—ás direitas!...

—Sobretudo na scena do ópio, quando as artistas estão deitadas nos coxins.

—Mas o que tem?  
—E' que aquilo lá em Paris representou-se á portugueza...

Prêso tambem. A' porta da rua:  
—O' senhor guarda dá licença que peça uma senha de saída?

—Para quê?  
—Ainda quero voltar, para patear mais.

Alguns dos espectadores que mais veementemente protestaram contra a *Garçonne*, são católicos.

Ramada Curtos no saber do facto, comentou com felicidade:  
—Pela primeira vez os católicos são protestantes.

A plateia está constipada. Tosse,

cospe, caramunha. Tosse em unisono. Tosse mais forte. Não deixa de tossir.

Uma voz:  
—Isto aqui é um teatro, não é um sanatório!

A plateia esteve um momento indecisa. Foi quando o bailarino nú, Peer Rys, pelo telefone, prometeu apparecer.

—Quem fará o papel?—preguntou uma espectadora

A outra:  
—Naturalmente, é o Florencio!

Há já uma quadra á peça. E tão tipica, expressiva e lapidar, que não a podemos dar aqui.

E' um belo prato de *restaurant*. Vende-se em todos os talhos e é apregoadada, com várias outras entranhas, pelo *nome da mão de vaca*.

Uma actriz da companhia Amélia Rey Colaço acaba de receber, inesperadamente, uma herança de 300 contos.

Interrogada, respondeu:  
—O sério começa sempre por uma fantasia. Quando os dois se encontram podemos dizer que nasceu a felicidade. Como podia representar a *Condessa Maria* se não possuísse uma fortuna? Não há nobreza, sem dinheiro—nem mesmo no palco, onde a ilusão nem sempre é uma verdade cruel.

Estas linhas valem 300 contos de felicitações!

—Então porque acabou a «Fruta Verde»?

—Ora, deu-lhe o bicho muito cedoi

—Sabes que o Politeama vai levar uma peça—*Mulheres-Homens!*

Um, como há muitos:  
—Ai, crédo! Qualquer dia, com estas confusões, já nem sabemos a que sexo pertencemos...

—O *Inferno*, no Variedades...  
—Então, que queres! O Diabo não é de pau. Uma vez por outra tambem gosta de variedades...

—E a *Justiça*, no Nacional!  
—E' uma questão de concorrência com a *Boa-Hora!*

—A ópera esteve em S. Carlos e foi um desastre terrivel.

Foi para o Coliseu e está obtendo um sucesso colossal.  
Resultado:

Consta que o nosso Ricardo Covões vai prolongar a temporada lirica no Coliseu, estreitando a nova companhia de cavalinhos no S. Carlos... Se assim fôsse—estava certo. Certo, como lição.

Entre autor e critico:  
—Como é que você pode apreciar uma peça se nunca escreveu uma linha para o teatro?

—Pela mesma razão porque até hoje nunca puz um ovo e sei melhor do que qualquer galinha apreciar uma *omlette*...

**O Homem das 5 horas**



# "BRIC-À-BRAC"

Não faz sentido...

Alves Pedrosa, outro dia,  
A's gasetas fez constar,  
Que a um gesto da maioria  
P'ra saber abandonaria  
Tão invejado lugar.  
E em vão a gente procura  
Tais contrastos ligar:  
—Como é que uma criatura  
Dis que deixa a Agricultura  
Quando... se põe a cavar!...

## O Bolo Rei

P'ra as tradições acatar,  
Chegado ao dia de Reis,  
Tive um bolo de comprar  
Para levar p'ró meu lar  
Do jantar do dia seis.  
Ante o gravissimo damno  
Me assombrei, com desconsólo,  
Que um país republicano  
Sem ter Reis há tanto ano,  
Conserve dos Reis o bolol...  
Quando nisto meditava,  
Alguem do lado me observa  
Numa voz profunda e cava:  
—Será por causa da fava  
Que a tradição se conserva?!

## Uma calúnia

Como a Inveja faz queimar  
Mais que o bráido das fragoas  
Fex a Calúnia constar  
Que a Policia foi topar  
Carlos Pereira... a verter águas.  
Não pude saber quem ousa  
A atos calúnia dizer,  
Que em base alguma repousa...  
—Como se isso fosse cousa  
Que pudesse acontecer!...

João Fernandes.



—A menina já leu *Andam faunos pelos Bosques?*  
—Não senhor, agora ando a lêr:  
*«Andam idiotas pelas ruas»...*



—Dis o jornal que a Venus de Milo  
tinha no tornozelo vinte centímetros!  
—Isso não é nada!... Na barziga das  
pernas tenho eu oitenta!...

# NOVELA DO "FIXE,"

## O menino da lombriga

### Quem conta um conto...

A novela deve intitular-se O Menino das Lombrigas (no plural, mas vai só no singular: lombriga), para os meus colegas humoristas.

O «menino» andava com uma cor amarelenta, o «menino» não comia e o «menino» tinha dóres no ventre.

O médico veio e disse para a mãe do menino:

—Olhe lá; tem uma bexiga?

—Quem?! O menino?... disse a mãe.

—Não. V. Ex.<sup>a</sup>, disse o médico.

—Bexiga, tenho mas não soffro dela.

—Não é isso. Eu pergunto se tem uma bexiga de porco.

—De porco-só tenho fressura para o almoço...

—Valha-a Deus! E' uma bexiga de porco para encher de água quente e para pôr na barriga do menino.

—Ah!!! disse a mãe.

Mas a criada de fóra que assistiu a parte do diálogo e o ouviu a seu modo, assim que entrou na cozinha, deu logo a noticia estropiada á cozinheira, dizendo que o «menino» tinha bexigas.

O pai, no entretanto, correu a todos os vendedores de tripas secas á procura da bexiga, mas os especialistas tinham mandado todas para os fabricantes estrangeiros de mortadela!!!

De volta a casa, o pobre pai desanimado, topou no Rocio com um vendedor de bñões para crianças e resolveu, em ultimo recurso, comprar um daqueles globos vermelhos para substituir a bexiga.

Em casa, as opiniões divergiam. Uma vizinha do lado, já velhota experiente, dizia que aquilo devia ser lombrigas ou solitária.

Para as lombrigas era fácil o remédio e para a solitária, pevides.

A mãe largou um—ora abóbora! e foi de opinião que se puzesse a pevide de remissa porque o «menino» tiuha apanhado uma indigestão de pevides, na véspera...

Mal que o pai chegou a casa, tratou logo de encher o balão com água quente e, depois de o fechar bem, collocou-o em cima da barriga do petiz e galgou lesto para a repartição.

Os carinhos das vizinhas não se calculavam. De vez em quando, a velha, ia apalpar o balão para vér se a água estava fria...

A noticia da doença do «menino» chegou a Campolide, a casa duns tios que trataram logo de saber, pelo telefone, se a doença era de gravidade.

A mãe contou-lhe, tambem pelo telefone, a história da bexiga, e d'ahi, outra confusão, que originou toda a vizinhança dos tios ficarem sabendo que o «menino» estava a morrer com bexigas.

Nesta altura, a criada que levantara o lençol da cama da criança, deu um enorme grito ao vér nele uma enorme mancha de sangue!

Socorro! gritou ela. O menino está cheio de sangue!

O «menino», aterrado, berrava como um cevado, enquanto que a criada mudando de fisionomia, dizia a bom rir:—Final não é nada. Foi a bexiga que rebentou e destingiu!

Nisto tocou o telefone:

Era o pai que inquiria do estado do menino.

A mãe do menino contou-lhe então a história do balão que rebentou e pôs o pequeno, destingindo, como se tivesse escarlatina.

Com a má transmissão dos aparelhos a que, vulgarmente, os ingleses cá, chamam telefones, o pai assim que ouviu falar em escarlatina, meteu-se num «mosquito», maktizando a sua sorte, direito a casa.

As vizinhas que lavavam o menino que estava todo tinto, por mais que procurassem o balão despejado, não o encontravam.

Com o impulso da elasticidade, o balão tinha-se escondido em qualquer dobrá do lençol.

O pai, que appareceu ao fundo e foi recebido com um abraço alegre, teve esta pergunta, pesaroso:—Com que então, bexigas?!

Nisto entram os tios de Campolide e dizem:—Com que então, bexigas!!!

—Mau! disse o pai:—Bexigas ou escarlatina?!

Nem bexigas nem escarlatina, disse a criada.

—Foi o balão que rebentou, disse o menino; mas o papá quando fôr ao Rocio compra outro para mim, não é verdade?

—Tu falas?! Então, estás melhor... disse o pai.

E ao fazer-lhe uma caricia encontrou, por fim, o balão feito num farrapo engelhado mas, ao pegar nele viu que, dentro, tinha um corpo estranho.

—Olha uma minhoca, dis a mãe.

—Como é que veio aqui parar uma minhoca?

—Qual minhoca, qual história, dis a vizinha do lado. Sabem o que isto é?—Uma lombriga e de respeito!!! Eu bem dizia que o menino tinha lombrigas...

E a joven criança, ontem, já aliviada, andava a passear na Avenida com mais um lindo balão e menos uma lombriga... e assim  
Tout est bien qui finit bien!

REPORTER B

# CARTA DE UMA SOPEIRA

Mê querido Jóquin:

Depois que aqui chigtei ando ca cabeça perdida. Estou numa casa munto capaz, todos me tratam munto bem, mas parece-mo que me tenho de ir embora, porque nã sou capaz de destinguir o patrão da patrão. Nã vês tu que eles andam por casa com umas calças ás riscas e com o cabelo cortado da mesma forma que eu nunca sei qual deles é ele, nem qual é ela e o que tem a voz mais aflautada, não é o que tem mais cara de mulher.

Ainda julguei que podia desferencarlos pela barba mas ambos prantam pózes na cara, de formas que ficara inguais. E então quando estão no quarto de dormir ainda a confusão é maior, porque cada um tem a sua cama, como se fôssem dois irmãos. Raios me partam, se é sei para que eles se casaram. Ah! Jóquin a gente cá nã havemos de ser assim; nem eu corto o cabelo, nem tu botas pozes na cara.

Tamém nã ha maneiras de os desferençar pelos nomes, porque um chama-se Milú e o outro Lulú e bem vês que não é pelo ú que eu lhe hei-de conhecer o sexo.

Im dia de Reises um deles chamou-me e disse-me assim:

—Vai-te vestir que vamos á praça.

Eu vesti-me e ele fez o contrario, tirou as calças e poz uma saia até o imbigio, um chapéu de homem na cabeça e salimos. Eu fiquei logo muito contente porque logo vi que aquele patrão era a patrão. Fomos á praça, fizemos as compras e quando voltamos para casa apraceu um sujeito que a senhora tratava por tu e foram tomar chá, sigundo ela me disse, a uma casa muito bem posta com muitas cammas pequeninas, com incostos forrados de seda cor de rosa, e onde não havia mais ninguém. Inquanto eles lá estiveram é fiquei cá fóra noutra quarto, mas in certa altura chamaram por mim para alimpar o chá que se tinha internado e então é que eu fiquei isantada, Jóquin, quando vi que estava enganada. A patrão era com certeza o patrão porque estava a fumar num charuto de palmo e meio.

Aquilo meteu-me um tal nervoso que á sahida é disse assim:

—E peço desculpa mas gostava de saber se vocemecê é o patrão ou a patrão.

Sabes o que me respondeu, Jóquin? Que eu não tinha nada com isso e deu-me um puchão nos cabelos. Foi intão que eu percebi que infetivemente era a patrão, porque se fosse um homem dava-me mas era um estalo. Mas para que raio é que ela fuma?

Ah! Jóquin da minha alma, mas ao chigar a casa istava o outro todo vestido, com um casaco de seda até os pez cuma as mulheres e a pôr pumada nas unhas, que aquilo nã era homem nem era nada. Era mas era outra mulher.

E cá disconfio que ali ha uma grande batota. Aqu'lo são duas mulheres que casaram uma có a outra, mas eu vou fazer queixa á policia. Pouca bergonha! Tirar o lugar a cada um.

Ao menos cando a gente ajuntar os trapinhos nã ha-de haver confusão nenhuma.

Soidades da tua

Jóquin?



—Dizem que na Argentina tem morrido muita gente gelada.  
—Que mania têm esses argentinos pela carne... congelada!...



## !! Não queira ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 2500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



# Graça alheia

em 3 linhas

—O fato que trago vestido foi feito no melhor alfaiate de Londres!

—Para quem?

\* \* \*

Quim e Manéas confessam, ao pai, terem encontrado uma bolsa com seis escudos.

—E' preciso proceder honradamente!

—Sim senhor, já dividimos três escudos para cada um.

\* \* \*

—Porque nos mentis tanto, vós homens?

—Porque nos perguntais muito, vós mulheres!

\* \* \*

—Tem muita clientela, doutor?

—Impossível. Aqui na aldeia, o serviço de agências funerárias é muito insuficiente.

\* \* \*

Em Cordova morreu uma família por ter comido um porco morto. A solução é comê-los vivos!

\* \* \*

No Governo Civil, ante um mascarado descalço, de «Pai Noé»:

—Como explica esse disfarce?

—Aproveitando a tradição desta noite preparava-me para recolher calçado.

\* \* \*

—O seu noivo é cabo do exército ou da armada?

—E' cabo submarino.

—I...

—E' cabo a bordo dum submarível.

\* \* \*

—Que frio, minha senhora! O termómetro marca zero.

—Que horror! Pouha-lhe o calorífero ao pé para aquecer.

\* \* \*

—Começo a reconhecer as vantagens da tua cabeça á Garçonne.

—?...

—Os cabelos que aparecem na sôpa são mais curtos.

\* \* \*

—Tornarás a casar depois do nosso divórcio?

—Devo-te uma experiência que me impedirá futuras imprudências.

\* \* \*

—Se tiver um filho será amamentado a biberon.

—?...

—Não quero que se habitue a ser sustentado por uma mulher!

\* \* \*

—Porque não consente na minha proposta?

—Se um dia fizer essa loucura será com um homem sério.

\* \* \*

—Na tua idade aconselho-te uma mulher de cinquenta anos.

—Profiro duas de vinte e cinco!

PÉREZ LACHAISE

**Restaurante Roma**

Rua do Mundo, 100 a 104

Telefone 520 Trindade

Todas as noites ceias especiais

Gabinetes reservados no 1.º andar

## ACTUALIDADES

# Os políticos em férias

Agora que os políticos não estão na actividade, é chegado o momento preciso de atirar a pergunta.—Que fazem os políticos?

Seguramente agora é que eles estão fazendo alguma coisa, pelo menos de interessante. A falta de melhor emprego, preparam livros de memórias ou escutam com mais vagar as lições de francês e direito publico.

Outros conversam ás mezas dos cafés, com um bom humor que o *Sempre Fize* não deve deixar de registar.

—Então, doutor, agora em férias...

—Ainda bem. Livrei-me de vários carraços.

—Mas então...

E veio a história.

\* \* \*

—Fui, como todos os doutores, um prestigioso elemento num partido politico. Ninguém imagina o que isso custa. Não dava um passo que não topasse com um correligionário dos diabos. Seguiam-me por toda a parte, eram a minha sombra. Houve um então... Um dia estava tomando chá com a família.

—Doutor... Boa noite.

Olho e tenho na frente uma destas caras do bandido cinematográfico, que até o meu pequeno entornou o leite.

—Oh! doutor... Eu tenho aqui uma pistola...

—Mas...

—O seu doutor não é dos nossos?... Então manda...

—Mas o que é que você quer...

—Oh! seu doutor... Cá estou ás ordens... E' preciso lutar pela causa...

Tenho aqui uma pistola...

Desapareceu não sei como nem porquê...

\* \* \*

Este homem era o meu inferno.

Em toda a parte, onde eu menos esperava, ali aparecia ele, sempre armado de pistola, e manejando gestos misteriosos.

Batia-me no hombro e murmurava-me ao ouvido, com uma insolencia, com uma intimidação desconcertante.

—Oh! seu doutor... Então quando... Então quando chega a hora da coisa... E preciso acção...

Claro... Para manter o fogo sagra-

do, eu dizia sempre, ao homem da pistola:

—Está claro... E' preciso acção...

\* \* \*

Eu tomava isto a brincar, mas o homem da pistola, queria não sei o quê, e não me largava... muito a sério.

Uma tarde, aparece-me como sempre, de mão no bolso, ares sinistros.

—Oh! seu doutor... Já viu aquele sujeito que está ali defronte...

—Sim... Sim... Estou a vêr.

—Pois é preciso dar cabo dele...

—Oh! homem você véja lá o que faz...

—Oh! seu doutor... Ele tom cara de quem diz mal do partido... O seu doutor manda, o eu... Não lho aproveito a alma.

—Deixe lá o homem...

—Oh! seu doutor... Olhe que ele tem cara de inimigo da causa...

Como era preciso dar alguma coisa a fazer a este homem, puxei do papel, pedi um envelope, e disse:

—Vou-te arranjar uma missõesinha para a causa. Vais-me levar esta carta ao doutor... Cuidado! E' uma coisa muito importante para o partido...

O homem partiu, radiante, com a missão.

Eu escrevera num bilhete:

«Este homem é um correligionário que não me larga. Daqui a pouco preciso de falar á minha moreninha. Segura-o ahí por esta noite, com qualquer... missão perigosa.»

\* \* \*

E toda a minha vida de prestigioso homem publico, do chefe politico, era aturar e livrar-me de correligionários como este.

Era preciso mantê-los, e sustentá-los como cães de guarda. Era preciso, finalmente, dar a essa gente alguma coisa que fazer para que eles tivessem a impressão de que trabalhavam para a causa, e os chefes, vigiavam. Senão... adeus... prestigio...

O pior era que quando se lhes dava alguma missão a cumprir, tinhamos que nos livrar de outra massada formidável.

Era que eles perseguiam-nos, por toda a parte, para nos perguntarem:

—Oh! seu doutor. Quando me arranja uma colocaçõesinha?

## Ao Felix Correia detido no seu novo palacete da Rua Augusto Rosa

Não vou dar-te um abraço, amigo Felix, ai, na tua nova residencia, porque receio estar na contingencia de ver-te a par de muito tipo reles...

Tu sabes bem que isto não são «ficelles» para evitar a minha comparencia: E' o meu coração, por excellencia, que tem já menos carne do que peles...

Sinto, acredita, todas as razões que te puzeram, por um «linguado», no meio d'assassinos e ladrões:

Foi «Cristo» por dois deles ladeado mas — sem receio de comparações — não eram dum país «civilizado»...

JOSÉ BARBOSA

# Os três hospedes do Limoeiro

O nosso colega *O Seculo* publicou ha três dias a seguinte noticia, a que pôs o sugestivo titulo: «O unico hospede voluntário do Limoeiro»:

«Ante-ontem, de manhã, entrou os portões da Cadeia do Limoeiro um cão preto, felpudo, que, depois de percorrer o pátio, subiu as escadarias, manifestou desejos de entrar.

Fomos até ao Limoeiro, observar o curioso animal. E assim que nos aproximámos, o «Fiel», conhecendo talvez que eramos dos jornais, bradou, com meiguice:

—Não falem mais em mim. Podem os meus donos ler e vir buscar-me. E foi com tanto custo que eu me saí!

—Mas não podias ir para outro sitio melhor?

—Quando fugi da minha casa, acozando pelos maus tratos do meu dono, da minha dona, dos filhos e das criadas, entrei no primeiro palácio que encontrei aberto. E vi tanta mentira e tanta miséria moral que me revoltei. Depois, percorri vários prédios burgueses das Avenidas novas e vários casebres dos Terramotos. Sim, porque eu não sou um cão de luxo. Em toda a parte, vi a mesma baixeza, a mesma abjecção. Revoltado com tudo, pensei no suicidio...

—Mas desististe?

—Fui até ao Terreiro do Paço. Mas a água estava tão fria, que resolvi renunciar á morte. Para socorregar, vim para o Limoeiro. E confesso que nunca me senti tão satisfeito. Isto é que é boa gente!

—E que tal é o regime?

—Não é mau! Tanto os directores como os guardas e os presos, são todos muito boas pessoas. Tratam-me como um irmão... Só afino é com a alcunha que me puzeram, de «Leão Preto». Eu, que não tenho cadastro, que só uma vez fui á esquadra da Boa Vista, mas nem cheguei a tirar os sinais digitais!... Há uma coisa, porém, que impressiona e revolta o meu coração. E' o tal palatatório—essa ideia da «corda», do sr. Charrua, que visa «a evitar os contactos» que Deus e a Natureza impõem...

—Mas é você o unico hospede voluntário do Limoeiro?

—Está enganado! Estão cá mais dois...

—Quais são?

—Quando eu para cá vim, já cá estava o «Homem-Esfinge»—um russo que nunca déra uma palavra, desde que aqui entrou, há um ano.

—E agora, falou?

—Só se esqueceu de que estava desempenhando o papel de mudo, ontem de manhã, quando distribuíram o pão, e não lho deram.

—E o outro quem é?

—E' um seu colega. O Felix Correia, conhece? Esse veio para cá porque quis. Parece que foi só para arreliar certas pessoas. Está aqui como nas suas sete quintas. E, apesar de ter vindo para o Limoeiro há meia dúzia de dias, peza mais dez quilos. —Pudera! Para ele até é uma cura de repouso...

O «Fiel»—«Leão Preto» de alcunha—achou graça á definição. E preparava-se para continuar a dar á lingua, quando a campanha anuñiou que terminara a hora das visitas.

REPORTER F.





## Como a "alface,, bateu a "tripa,,

«Em antes» do «match» Porto-Lisboa, no campo só se ouviam os «gar-gântas»:

—«O Porto vai ganhar porque tem mais conjunto. Muito bem fez o Mário em escolher por base o Foot-ball Club do Porto!»

Depois do «match». Voz geral:

—«É a tal coisa, suje'tam-nos a vergonhas destas, por não sabermos constituir a selecção. Quem manda, aos doutores, tocar rabecão?»

De onde se conclue que as grandes vítimas do «foot-ball» são os seleccionadores.

Para ser seleccionador não é absolutamente necessário ter jogado. Mas é indispensável ter visto jogar os outros...

Outra condição necessária, para os congressos e reuniões, é ter voz forte e um físico imponente. E' preciso também, e isto é da máxima importância: ter opiniões. Bem ou mal fundamentadas — pouco importa... Mas que sejam «fixes» e afirmadas com inabalável convicção, e num tom que não admite réplica...

Isto tudo:—para as apparencias.

Porque, no fundo—vamos...—o seleccionador é um pobre diabo. Um pobre diabo de quem há quem diga que as suas boa vontade e dedicação, são proporcionais ao quadrado da incompetencia.

Observem um seleccionador, no periodo do chéco, durante um desafio.

A cara inquieta, atormentado, angustiado, convulso... Faz todo o possível para observar, procurar, scrutar... e não vê nada, nada, sobre o terreno. E não pode ir á reunião, entrando com as mãos a abanar, de volta da caça á «avis rara».

Por isso, leva um nome... um nome colhido entre muitos cutios, por motivos que só Deus conhece...

No dia do encontro definitivo, o seleccionador sofre os tormentos máximos.

Lá está ele, e pobre diabo, fazendo-se muito pequeno, dissimulado por detrás duma colúna. Tem os olhos pregados sobre o seu homem. Segue-o sempre, mas não ousa aplaudir-lhe a primeira proeza, porque sente que só «azelhices» se lhe vão seguir.

E se elas se produzem, se o publico treça ou assobia, faz-se ainda mais pequeno, e rugas dolorosas imprimem «VVV» sobre o pobre rosto de suplicado...

Se, por miraculoso acaso, o protegido joga bem — ninguem fala de quem o descobriu.

Mas no caso contrário e mais frequente—o que ele ouve! o pobre diabo do seleccionador!...

E contudo, há de continuar a seleccionar durante anos e anos—a seleccionar... e a sofrer...

\* \* \*

Os jogadores portuenses, também, antes do «match», se alargaram em prognósticos.

—Ganhamos por 3 a 0.

—Ganhamos por 4 a 2.

—Ganhamos por 5 a 1.

Simplicio foi o unico pessimista. Abriu excepção, por «simplicidade»...

\* \* \*

Um «récord» do publico.

O Candido até descobriu que:

—«O Porto-Lisboa está para a Cidade Invicta, como o Portugal-Espanha para a Capital.»

Não ficou definido a quem cabia o papel dos espanhóis...

Mas, atendendo aos resultados, subentende-se que o conhecido técnico quiz chamar «galegos» aos «alfacinhos».

\* \* \*

A's 15 horas deu-se a «fita» do costume. Entradas aparatosas, palmas, discursos, ramos de flores, abraços, festas, etc.

O inglês Hall comanda a «equipe» portuguesa da Invicta.

A's 15 horas começa a dança. E logo de inicio Tamanqueiro evidencia-se numa «zancadilla».

O «Port-Wine» de Hall não consegue derreter o gelo de Resberg.

E aos 12 minutos, o Baltazar, lembrando-se das ruínas do seu império, dá a bola a Severo, que faz severamente em cisco a meta de Siska.

A meia hora de jogo—2 a 0.

E dois minutos depois—nova «severidade». Decididamente: Iska está grosso da vista.

Vários espectadores voltam-se para

o camarote dos directores da Associação portuense e chamam-lhes «trouxas»!

\* \* \*

Simplicio, por descargo da consciencia, marca o unico «goal» do Porto. «Una patada directa à meta» — mas uma «patada» fraqui rha, benza-a Deus...

Faltam cinco minutos para acabar o «half-time». João dos Santos, a 25 metros, larga uma sardinha que até parecia uma baleia.

4 a 11

Os espanhóis-lisboetas berram:

—«Muy bien!»

Os portuenses também berram:

—«Oh! Siska! Tu «biste-lo»?

Para fechar a primeira parte com chave de ouro, o árbitro inventa um «penalty». Roquete, para não comprometer o juiz: defende.

\* \* \*

A segunda parte não tem história... nem histórias.

Evidente dominio da alface sobre a tripa—conforme as doutrinas do dr. Amilear de Sousa. O vegetariano suplanta o carnívoro.

Mais dois «goals» de Lisboa.

E mais dois «penaltys» a favor do Porto, e «shootados» para fóra—para não comprometer o juiz...

\* \* \*

Resultados finais: o Petiz ficou mais pequeno. O Ximenes amanheceu de todo, tendo que ir ao Ribeiro por «rouge». E o doutor seleccionador foi um autentico tamber.

A saída do campo parecia um acompanhamento de entérro.

Os espanhóis-lisboetas diziam:

—«Pagaram-se o capital e os juros das ultimas contas que estavam em atraso...»

\* \* \*

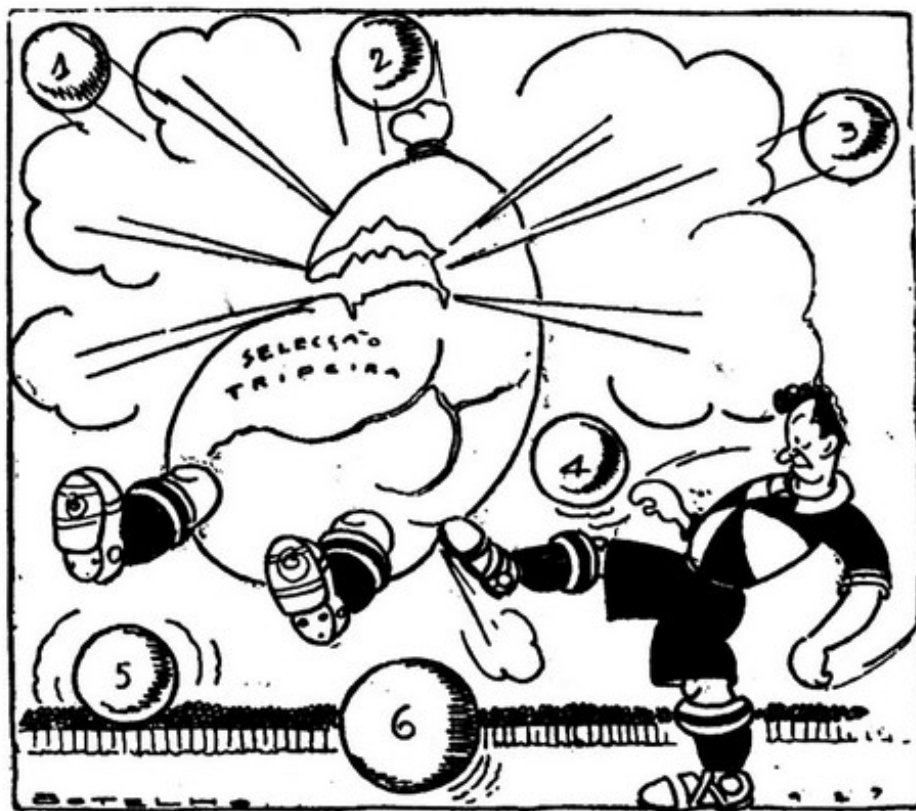
O árbitro: assobiou e foi assobiado. Os que ganharam diziam que nunca tinham sido tão mal arbitrados.

Os que perderam, esses, então, nem o queriam para atacar a bola.

E, para uma ingratidão destas se levanta um homem de manhã cedo—para ir ao Porto, num desejo de glória, numa ambição de autoridade...

REBOLA-A-BOLA

## O DESAFIO Lisboa-Porto



A "tripa,, arreventou... com seis bolas que a furou



**Mixordeiros**

—Um entreposto em Gaia para o vinho do Porto...  
—Para quê, se o fabrico em Inglaterra?

**Visinhos**

—Sabe que vou para França...  
—Então vou consigo. Moro na Penha..

**DIREITOS A MAIS**

— Isto não pode ser! Eu trabalho e tu não fazes nada!  
— Oh filha! Então tu dizes que as mulheres devem ter o mesmo direito dos homens!...

**ILUSÕES A MENOS**

—Safa! Este ano nem sequer a neve nos faltou...  
—Verás, velhinho, que nem por isso o preço dos gelados ha de baixar no verão!